

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

A Voz da Egreja—Encyclica do N. SS. Padre Leão XIII.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Porque creio nos mysterios Christãos?* III, pelo P.º Alfredo Elviro dos Santos; *Tratado de religião em geral—Noções de religião*, (continuação), por V. de P. P.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *A poesia mystica e um doutor «in cunctis»*, pelo P.º F. Sanches.—SECÇÃO HISTORICA: *O monumento ao marquez de Pombal*, VI, por Elias de Sampaio; *D. Frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga*, (continuação) pelo P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO CRITICA: *Coisas! Coisas!*, por um leitor de gazetas.—SECÇÃO LITTERARIA: *Dia a dia d'um espirito Christão*, pelo P.º Sebastião da Costa Vieira Leite.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 50 DE JULHO DE 1881

A VOZ DA EGREJA

ENCYCLICA

DO

NOSSO SANTISSIMO PADRE LEÃO XIII
PELA DIVINA PROVIDENCIA PAPA

A TODOS OS PATRIARCHAS, PRIMAZES, ARCEBISPOS E BISPOS DO MUNDO CATHOLICO EM GRAÇA E COMMUNHÃO COM A SANTA SÉ APOSTOLICA.

A todos os nossos veneraveis irmãos, Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos do mundo catholico em graça e communhão com a Santa Sé Apostolica.

LEÃO XIII, PAPA

Veneraveis Irmãos, Saude e Benção Apostolica.

A longa e encarnçada guerra dirigida contra a divina auctoridade da Egreja tocou no ponto para que tendia, tendo feito periclitar toda a sociedade humana e em particular o poder secular, em que repousa principalmente a segurança social.

E', sobretudo, na nossa epocha que se vê manifestar este resultado. As paixões populares repellem, na verdade, hoje com maior audacia que antes, toda e qualquer força d'auctoridade; por toda a parte a licença é tal e tão frequentes são as perturbações e tumultos que não só a obediencia é muitas vezes recusada áquelles que administram os negocios publicos, senão que até parece não lhes ser deixada sufficiente garantia da sua segurança. Por largo tempo

se ha trabalhado em tornar a auctoridade objecto de desprezo e odio aos olhos das multidões e tendo, por fim, irrompido as chammas do odio assim ateado desde longe, tem-se attentado, por muitas vezes, a curtos intervallos, contra a vida dos soberanos, já por meio de tramas secretos, já por meio de investidas e assaltos descobertos. Ainda ha pouco a Europa estremeceu horrivelmente em face do assassinio abominavel d'um poderosissimo imperador e, emquanto os espiritos se conservam ainda estupefactos ante a grandeza do crime, homens perdidos não hesitam em semear e diffundir intimidações e ameaças contra os demais principes da Europa.

Estes perigos d'ordem geral, patentes ás vistas de todos infundem-nos graves inquietações, porque vemos a segurança dos principes, a tranquillidade das nações e o bem-estar dos povos correndo, a todos os instantes, gravissimo perigo.

E no entanto, a divina virtude da Religião Christã produziu excellentes principios d'estabilidade e ordem em beneficio da causa social, á proporção que penetrou nos costumes e instituições dos Estados. A justa e sabia medida dos direitos e dos deveres dos principes e dos povos não é o menor, nem o ultimo dos fructos d'essa virtude; por quanto, ha nos preceitos e exemplos de Nosso Senhor Jesus Christo uma força admiravel para manter no cumprimento do dever assim todos os que obedecem, como os que imperam, e para conservar entre elles essa união, que é inteiramente conforme á natureza e essa harmonia de vontades ao abrigo de perturbações nos negocios publicos.

Por isso é que, achando-nos presi-

dindo, por graça de Deus, á direcção da Egreja Catholica, guarda e interprete das doutrinas de Jesus Christo, julgamos que é da nossa auctoridade, Veneraveis Irmãos, recordar publicamente o que a verdade catholica exige de cada um, n'esta ordem de deveres; d'onde ficará igualmente evidenciado qual o caminho e o meio por que se pôde, em tam terrivel conjuntura, prover á salvação publica.

Ainda que o homem, impellido por uma certa arrogancia e indocilidade, se sinta muitas vezes inclinado a repellir o freio da auctoridade, nunca pôde, todavia, chegar a não obedecer a pessoa alguma. A propria força da necessidade exige que alguns tenham o mando em toda a associação e comunidade d'homens, a fim de que a sociedade se não desmorone, privada d'um principe ou d'um chefe para a dirigir, e se não colloque na impossibilidade de attingir o fim para que se constituiu. Porém, se jámais foi possível ao orgulho humano fazer desaparecer o poder politico do seio dos Estados, é certo que elle tem podido empregar toda a casta d'expedientes para lhe quebrantar a força e diminuir a magestade, sobretudo no seculo XVI, quando a fatal innovação de opiniões extraviou grande numero de espiritos.

A partir d'essa epocha, não só as multidões pretenderam attribuir-se uma liberdade mais larga do que convinha, como tambem se metteram muitos a phantasiar, a seu modo, a origem e constituição da sociedade humana. Mais do que isto, muitos homens da nossa epocha, caminhando sobre as pizadas dos que no seculo passado se arrogaram o nome de philosophos, dizem que todo o poder vem do povo, de tal forma que aquelles que no Estado exer-

com o poder, o não exercem como pertencendo-lhes, mas como tendo-o das mãos do povo por delegação e sob a condição de lhes poder ser retirado pela vontade d'esse mesmo povo que lh'o conferiu.

Os catholicos sustentam uma doutrina differente e fazem descer de Deus o direito de mandar, como d'um principio natural e necessario.

Importa, no entanto, observar aqui que aquelles, que devem estar collocados á testa dos negocios, podem, em certos casos, ser escolhidos pela vontade e decisão das multidões, sem que isto contrarie ou repugne á doutrina catholica. Porém esta escolha designa o principe, não lhe confere os direitos do principado; a auctoridade não fica dada, mas determina-se por quem é que ella será exercida.—Não se questionam aqui formas de governo; não ha, com effeito, razões para que a Igreja não approve o imperio ou d'um só ou de muitos, contanto que elle seja justo e se encaminhe ao bem commum. Por isso é que sendo respeitadas os direitos da justiça, não é prohibido aos povos escolherem para si a forma de governo que melhor convenha á sua indole ou ás instituições e costumes que conservam dos seus antepassados.

De resto, pelo que toca á auctoridade politica, a Igreja ensina que ella vem de Deus; porque ella encontra esta verdade claramente attestada na Escripura Sagrada e nos monumentos das antiguidades christãs; além de que, não póde imaginar-se uma doutrina que seja mais consentanea com a razão o mais concorde com o bem dos principes e dos povos.

Em verdade, os Livros do Antigo Testamento confirmam, em muitas passagens, d'um modo claro e concludente, que a fonte de todo o poder humano está em Deus. *Por mim reinam os reis... por mim imperam os principes e os poderosos administram a justiça.* (1)

E n'outra passagem: *Attendei, vós os que regeis as nações... foi Deus quem vos concedeu o poder e a força foi-vos concedida pelo Altissimo.* (2) A mesma doutrina está proclamada no livro do Ecclesiastico: *Em cada nação Deus collocou um chefe para a dirigir.* (3)

Estas verdades, que se tinham recebido de Deus, tem-se obliterado pouco a pouco nos homens em virtude da superstição pagã que corrompeu, ao mesmo tempo que o verdadeiro aspecto e muitas noções das cousas, a forma natural e a belleza da auctoridade. Mais tarde, onde o Evangelho derramou a sua luz, a vaidade cedeu deante

da verdade e começou a brilhar o nobilissimo e divino principio d'onde promana toda a auctoridade. Ao Presidente romano, que se arrogava com ostentação o poder d'absolver e condemnar, respondeu Jesus Christo, Senhor Nosso: *Não terias sobre mim poder algum, se elle te não fosse dado do Alto.* (4) Santo Agostinho explica esta passagem n'estes termos: *Aprendamos o que Elle disse, o que Elle ensinou tambem por intermedio do Apostolo, isto é, que não ha poder que não venha de Deus.* (5)

A voz fiel dos Apostolos resoa, na verdade, como um echo das doutrinas e ensinamentos de Jesus Christo. S. Paulo dirige aos Romanos, subjeitos á auctoridade de principes pagãos, esta importante e elevada maxima: *Não ha poder que não venha de Deus, e, por consequencia conclue: O principe é o ministro de Deus.* (6)

Os Santos Padres da Igreja sempre professaram e se desvelaram em propagar esta doutrina, em que tinham sido formados. *Nós não attribuimos, diz Santo Agostinho, o poder de dar o governo e o mando senão ao unico verdadeiro Deus.* (7)

S. João Chrysostomo exprime o mesmo pensamento: *Eu digo que é uma obra da sabedoria divina haver principados, de forma que uns imperem e outros vivam subjeitos, para que não esteja tudo subjeito ao acaso e á aventura.* (8)

S. Gregorio Magno dá testemunho da mesma verdade n'estas palavras: *Nós confessamos que o poder foi dado do Ceo aos imperatores e reis.* (9)

Além d'isto, os Santos Doutores esforçam-se igualmente por explicar estes mesmos ensinamentos á luz natural da razão e de maneira tal que devem parecer inteiramente justos e logicos, mesmo aos olhos dos que só seguem a razão por unico guia. E, na verdade, a natureza, ou mais propriamente Deus, o auctor da natureza, quer que os homens vivam em sociedade. E' isto o que claramente demonstram não só a faculdade da linguagem, o mais poderoso mediador da sociedade, como tambem o crescido numero de necessidades imprescindiveis da alma e muitas cousas necessarias e importantissimas que os homens, vivendo solitarios, não poderiam proporcionar a si proprios, mas que podem conseguir reciprocamente unidos e associados. Mas não póde subsistir, nem conceber-se uma sociedade, sem que haja alguem para moderar as vontades de cada um, de sorte a converter a pluralidade n'uma como que unidade e

para lhes dar o impulso, segundo o direito e a ordem, em harmonia com o bem commum: Deus quiz, portanto, que na sociedade houvesse homens que imperassem sobre a multidão.

Ha tambem um solido argumento em que aquelles, por cuja auctoridade são administrados os negocios publicos, devem poder obrigar os cidadãos á obediencia, de maneira que a desobediencia seja claramente para estes um peccado. Mas nenhum homem tem em si ou por si o poder de prender por laços taes a livre vontade dos outros. Este poder pertence unicamente a Deus, creador e legislador de todas as cousas; e é necessario, portanto, que aquelles que o exercem, usem d'elle como tendo-o recebido de Deus. *Ha um só legislador e jaiz que póde condemnar ou absolver.* (10)

Esta doutrina é verdadeira para toda a ordem de poder. E' poncto tão firme e bem acceito provir de Deus aquelle que reside nos sacerdotes que estes são chamados, entre todos os povos, ministros de Deus. Da mesma forma o poder dos paes de familia conserva o cunho e a imagem do poder que está em Deus, *do qual toda a paternidade recebe o seu nome nos ceus e na terra.* (11)

Assim é que as diversas ordens de poder tem entre si admiraveis parecenças, porque todo o governo e auctoridade, em qualquer logar que seja, tira a sua origem d'um só e mesmo Creador e Salvador do mundo, que é Deus. Aquelles que pretendem ser a sociedade originada do livre consentimento dos homens, fazendo sahir o poder da mesma fonte, affirmam que cada um cedeu alguma cousa dos seus direitos e por vontade propria cada individuo se constituiu sob o poder d'aquelle em quem se reuniu a somma d'esses direitos. Mas é um erro grave não ver, quando aliás é bem manifesto, que, não sendo os homens uma raça vagabunda e solitaria, elles são, independentemente da sua propria vontade, destinados a viver naturalmente em sociedade. Além de que o supposto pacto é uma falsidade, uma ficção e não póde conferir ao poder politico tanta força, dignidade e solidez como o exigem a tutela dos negocios publicos e o bem commum dos cidadãos. O poder não terá todos esses ornamentos e todas essas garantias, como se o considerarmos emanado de Deus, d'essa fonte augusta e santissima.

Não era possivel encontrar doutrina a um mesmo tempo tão verdadeira e util. Em verdade, se o poder d'aquelles que regem o Estado é uma certa

(1) Prov. viii, 15-16.

(2) Sap. vi, 3, 4.

(3) Eccl. xvii, 11.

(4) Joan. xix, 11.

(5) Tract. cxvi in Joan. n. 5.

(6) Ad Rom. xiii, 1, 4.

(7) De Civ. Dei, lib. v, cap. 21.

(8) In epist. ad Rom. homil. xxiii, n. 1.

(9) Epist. lib. ii, epist. 61.

(10) Jacob. iv, 12.

(11) Ad Ephes. iii, 15.

comunicação do poder divino, para logo reveste, por este motivo, uma dignidade sobrehumana; não impia e absurda, como a que buscavam os imperadores pagãos, pretendendo as honras divinas, mas verdadeira, solida e proveniente d'um certo dom e beneficio de Deus. D'onde resulta ser necessario que os cidadãos se submettam e obedeçam aos principes, como a Deus, menos pelo terror dos castigos do que pelo respeito da magestade, não porque isso lhes apraza, mas porque é um dever de consciencia. O poder permanecerá assim muito mais solidamente no seu verdadeiro logar. Por quanto resultará que os cidadãos, compenetrados da força d'este dever, evitem a perfidia e a indocilidade, por isso que devem estar persuadidos de que aquelles, que resistem ao poder politico, resistem á vontade divina, de que aquelles que recusam honra aos principes, a recusam a Deus.

O Apostolo S. Paulo instruiu especialmente os Romanos n'esta doutrina; escreveu-lhes sobre o respeito que deve prestar-se aos soberanos com tanta auctoridade e pezo que parece não poder prescrever-se cousa alguma com tamanho rigor: *Conserve-se toda a alma sujeita aos poderes superiores; porque não ha poder que não seja de Deus; e aquelles que existem foram ordenados por Deus. Por isso todo o que resiste ao poder, resiste á ordem estabelecida por Deus; e os que resistem attrahem sobre si a propria condemnação. Importa, portanto, necessariamente viver sujeito, não só por temor, como tambem por consciencia.* (1) A celebre sentença de S. Pedro, principe dos Apostolos, é concebida no mesmo sentido: *Sede submissos a toda a creatura humana, por causa de Deus, quer seja ao rei, como preeminente, quer seja aos outros superiores como enviados de Deus para punição dos malfeitos e gloria dos bons, porque tal é a vontade de Deus.* (2)

O unico caso em que os homens não tivessem de obedecer seria aquelle em que lhes fosse exigida alguma cousa que abertamente repugnasse ao direito natural ou divino; porque é igualmente vedado ordenar ou praticar tudo que violar a lei natural ou a vontade de Deus.

Se, portanto, succeder a alguém achar-se collocado na alternativa de se recusar ás ordens de Deus ou ás dos principes, deve obedecer a Jesus Christo que ordenou *se desse a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus* (3), e responder corajosamente, a exemplo

dos Apostolos; *Cumprer obedecer primeiro a Deus de que aos homens* (4). E não podem ser accusados aquelles que assim se comportam de rejeitar a virtude da obediencia; porque, se a vontade dos principes estiver em opposição com a vontade e leis de Deus, é porque aquelles excedem a medida do seu poder e violam a justiça e desde esse momento deixa de ter valor a auctoridade dos mesmos, porque, onde falta a justiça, cessa a auctoridade.

Para que a justiça acompanhe sempre o mando, importa muito que aquelles, que administram os estados, comprehendam que o poder politico não é creado em proveito e beneficio d'um particular, quem quer que seja, e que os negocios publicos devem ser geridos para utilidade d'aquelles, de cuja direcção se está encarregado e não para utilidade d'aquelles, a quem o cargo está confiado. Tomem os principes exemplo no Deus optimo e maximo, do qual recebem a auctoridade e, propondo se recebem-o por modelo na administração dos negocios do Estado, governem o povo com equidade, e integridade e saibam alliar á necessaria severidade uma caridade fraternal. Para este fim os advertem as Sagradas Lettras de que terão um dia de prestar contas ao Rei dos reis, ao Senhor dos senhores, e de que, se faltavam aos seus deveres, de modo algum poderão subtrahir-se á severidade de Deus. *O Altissimo interrogará as vossas obras e perscrutará os vossos pensamentos. Visto que quando ereis os ministros do seu poder, não julgastes com rectidão... Elle vos apparecerá prompto e terrivel, porque será rigorosissimo o julgamento para aquelles que governam... Deus não fará excepção de pessoas, nem respeitará a grandeza de ninguém, porque Elle proprio creou o pequeno e o grande e toma por todos equal cuidado. Aos fortes está reservado um tormento mais forte.* (5)

Desde que estas doutrinas protejam o Estado, affasta-se toda a causa ou desejo de sedição; e ficarão mantidas e asseguradas a honra, a segurança dos principes, a tranquillidade e bem-estar dos cidadãos. Tambem se provê perfeitamente á dignidade d'estes, a quem é permittido conservar no seio da propria obediencia a grandeza que condiz com a excellencia do homem. Em verdade elles devem ficar comprehendendo que no juizo de Deus não ha escravo nem livre; que não ha para todos senão um só Senhor rico e misericordioso para com todos os que o invocam (6), e que se submettem e obedecem aos principes, pelo facto de serem estes em certo

modo a imagem de Deus, *aos olhos do qual servir é reinar.*

A Igreja trabalhou sempre porque esta fórma christã do poder se não estabelecesse sómente nos espiritos, mas se traduzisse tambem na vida publica e nos costumes dos povos. Em quanto se conservaram ao leme do Estado os imperadores pagãos, a quem o erro impedia de se elevarem a esta forma de poder, que acabamos d'esboçar, a Igreja applicou-se a fazel-a penetrar no espirito dos povos, que deviam querer, desde que estivessem de posse d'instituições christãs, conformar com ellas a sua vida. Por isso é que os Pastores das almas, renovando os exemplos do Apostolo S. Paulo, contrahiram o costume de prescrever aos povos, com um cuidado e zelo extremos, *que vivessem sujeitos aos principes e aos poderes, que obedecessem á lei* (7); bem como de lhes ordenar que orassem a Deus por todos os homens e especialmente *pelos reis e por todos os que estão constituidos em poder*; porque isso é agradavel a Deus, Nosso Salvador. (8)

Sobre este ponto deixaram os antigos christãos testemunhos verdadeiramente notaveis. Perseguidos da maneira mais injusta e cruel pelos imperadores pagãos, jámais, porém, deixaram de se conservar na obediencia e submissão, a tal ponto que pareciam lutar, uns com a arma da crueldade, com a do respeito os outros. Uma tão grande modestia, uma vontade d'obedecer tão firme e inalteravel, era muito conhecida para que a calumnia e a malicia dos inimigos pudessem escurecê-la. Por isso aquelles a quem competia advogar perante os imperadores o nome christão, demonstravam que era injusto servir-se de leis contra os christãos, sobretudo pela razão de que elles eram, aos olhos de todos, um exemplo vivo de fidelidade ás leis.

Athenagoras fallava ousadamente n'estes termos a Marco Aurelio Antonino e a Lucio Aurelio Commodo, seu filho: *Vós consentis que nos atormentem, roubem e desterrem a nós, que não praticamos mal algum, antes nos comportamos com a maior piedade e justiça que é possivel em face de Deus e de todo o vosso imperio* (9). Da mesma sorte, Tertulliano fazia publicamente este elogio dos christãos, que eram para o imperio os melhores e os mais seguros amigos: *O christão não é inimigo de ninguém e muito menos do Imperador, a quem elle é obrigado, sabendo que está estabelecido por Deus, a amar, reverenciar e honrar e cuja salvação deve desejar conjunctamente com*

(1) Ad. Rom. xiii, 1, 2, 2.

(2) I Petr. ii, 13, 15.

(3) Matth. xxii, 21.

(1) Actor. v. 29.

(2) Sap., vi, 4, 5, 6, 8.

(3) Ad Rom. x, 12.

(1) Ad. Tit. iii. I.

(2) I Thimot. ii, 1-3.

(3) Legat, pro Christianis.

a de todo o imperio romano. (1) E não hesitava em affirmar que, nos limites do imperio, o numero dos inimigos diminuia, á medida que augmentava o de christãos. *Vós tendes agora poucos inimigos em comparação da multidão de christãos, porque tendes christãos na maioria dos cidadãos de quasi todas as cidades* (2). Encontra-se ainda, sobre o mesmo ponto, um notavel testemunho na Epistola a Diognete, na qual se confirma que o costume dos christãos era, n'essa epocha, não só obedecerem ás leis, senão tambem, no cumprimento de todos os seus deveres, fazerem espontaneamente mais e melhor do que o exigiam d'elles as leis. *Os christãos obedecem ás leis que estão estabelecidas e pelo seu genero de vida sobrepõem as mesmas leis.*

A questão era, por certo, inteiramente outra, quando os editos dos imperadores e as ameaças dos pretoribus prescreviam trahir a fé christã ou faltar d'algum modo aos seus deveres.

N'aquelles tempos preferiam firmemente desagradar antes aos homens do que a Deus. Mas n'estes mesmos casos, tão longe estavam de obrar cousa em sentido sedicioso ou de desprezar a magestade da auctoridade que elles se restringiam a confessar que eram christãos e que não queriam de modo algum mudar de fé.

De resto, elles em nada pensavam que tivesse relação com a resistencia; mas, serenos e alegres, caminhavam de tal sorte para os tormentosos eculeos, que a grandeza dos excruciantes tormentos cedia á grandeza da alma.

A força das instituições christãs não appareceu, durante essa mesma epocha, sob forma differente, no meio da milicia. Era, na verdade, o timbre do soldado christão alliar a mais admiravel coragem com o mais desinteressado zelo pela disciplina militar e dar á elevação da alma a sua perfeição, por meio d'uma fidelidade inabalavel para com o principe. Quando, porém, d'elle se exigia alguma cousa, que não fosse honesta, como violar os direitos de Deus ou voltar o ferro contra os innocentes discipulos do Christo, então se recusava a dar cumprimento ás ordens recebidas, mas sempre de tal maneira que preferia abandonar a arma e morrer pela Religião a resistir por meios sediciosos ou de insubordinação á auctoridade publica.

Depois que os Estados tiveram principes christãos, a Igreja insistiu muito mais em attestar e proclamar a grandeza da santidade que se encerra na auctoridade d'aquelles que governam: d'onde devia resultar que, ao espirito

dos povos, quando pensassem na auctoridade, occorreria a imagem d'uma especie de magestade sagrada, que despertaria um mais profundo respeito e um mais intenso amor para com os principes. E n'este intuito regulou ella sabiamente que os reis, no começo do seu reinado, seriam solemnemente sagrados; o mesmo que, no Antigo Testamento fora estabelecido por auctoridade de Deus.

Na epocha em que a sociedade, saída, por assim dizer, das ruinas do imperio romano, renasceu na esperança da grandeza christã, os Romanos Pontifices, instituindo um *Imperio Sancto*, consagraram d'uma maneira especial o poder politico. Foi certamente muito consideravel e importante este augmento de nobreza e esplendor para o poder secular, e não é duvidoso que esta instituição deveria ter sido sempre grandemente util tanto á sociedade religiosa, como á sociedade civil, se o fim, que a Igreja sempre teve em vista, o tivessem tido sempre igualmente em vista os principes e os povos. E, em verdade, emquanto permaneceram entre os dous poderes a amizade, e accordo, tudo permanecem em paz e em prosperidade. Se os povos, nas suas agitações, se tornaram culpados, a Igreja ahi estava para trazer as sociedades á tranquillidade, recordando a cada um seus deveres, domando as mais violentas paixões, ora empregando a suavidade e doçura, ora o imperio da sua auctoridade.

Semelhantemente, se os principes se tornavam criminosos no exercicio do seu governo, então a Igreja se dirigia aos principes, e, recordando os direitos, as necessidades e os justos desejos dos povos, aconselhava a equidade, a clemencia e a bondade. Por este meio muitas vezes se conseguiu affastar para bem longe os perigos das sublevações e das guerras.

Ao contrario, as doutrinas, sobre o poder politico, imaginadas pelos modernos acarretaram já á humanidade grandes desgraças e afflicções e é de temer que venham a produzir no futuro males extremos. Com effeito, recusar referir a Deus, como a seu auctor, o direito de mandar não é nada menos que despojar o poder politico da sua mais bella gloria e cortar os nervos essenciaes da sua força. Emquanto a dizer-se que elle depende do capricho da multidão, em primeiro logar é uma opinião falsa; depois, é estabelecer o principado em fundamento muito leve e de maquiavel instavel.

Excitadas e estimuladas por estas opiniões, as paixões populares se desencadearão com mais audacia e, com grave detrimento da causa publica, irão por um declive facil até ás mais cegas

perturbações, até ás sedições abertas. Na verdade, o que se chama a *Reforma*, cujos auxiliares e chefes, abalou até aos seus fundamentos, por meio de doutrinas innovadas, o poder sagrado e o poder civil, foi seguido, principalmente na Allemanha de repentinas agitações e das mais audaciosas rebeldias; e isso com tal conflagração da guerra civil e com taes morticínios que quasi não ficou um só logar que não estivesse entregue a tumultos e saugrentas discórdias.

D'esta heresia nasceu, no seculo passado, uma falsa philosophia, aquillo a que chamam *direito novo*, a soberania do povo e uma licença infrene, que muitos julgam ser a unica liberdade possivel. D'ahi se caminhou até esses flagellos modernos, chamados *Communismo, Socialismo e Nihilismo*, monstros medonhos e horriveis da sociedade humana e que são quasi a morte da mesma.

E, no entanto, um grande numero d'homens trabalha em augmentar a violencia de males tão graves, e sob o pretexto de auxiliar e defender o povo, provocaram já uma grande explosão de calamidades. Isto que agora recordamos não são factos desconhecidos, nem muito remotos.

Mas o que é, sobretudo, de maior gravidade é não possuirem os principes, no meio de tamanhos perigos, remedios sufficientes para restaurar a antiga disciplina e serenar os espiritos. Munem-se da auctoridade das leis e pensam que os transtornadores da ordem no Estado devem ser cohibidos mediante a severidade das penas. Nada mais justo; mas devem sabiamente reflectir que o poder só das penas não bastará jámais para conservar os Estados. E, com effeito, o temor, como muito bem ensina S. Thomaz, *é um fundamento debil, porque aquelles que são subditos por temor, se se proporcionar ensejo em que possam esperar a impunidade, insurgem-se com tanto maior arrojado e violencia contra a auctoridade quanto mais tem estado contidos nos limites da subjeição pelo receio só do castigo.* E em outra parte: *Por causa d'um gravissimo temor muitos caem no desespero e o desespero precipita-os audaciosamente em todo o genero de attentados.* (1) Quanta verdade se encerra n'estas palavras, sabemol-o bem pela experiencia.

Urge, portanto, recorrer a um principio mais elevado e mais efficaz de obediencia e assentar firmemente em que a severidade das leis não póde produzir fructos satisfactorios, se os homens não cederem ao sentimento do dever e não forem movidos a obrar

(1) Apolog. n. 35.

(2) Apolog. n. 37.

(1) De Regim Princip. l. 1, cap. 10.

pelo temor salutar da Divindade. A Religião, que pela sua força só, penetra os espiritos e faz dobrar as vontades dos homens, tem poder para conseguir que elles vivam sujeitos aos que os governam, não só por obediencia, como tambem pela benevolencia e caridade, que é, em toda a comunidade, o melhor guarda e sustentaculo da sua segurança e conservacão.

Porisso todos devemos julgar que os Pontifices Romanos serviram com singular zelo os interesses sociaes, pois sempre cuidaram diligentemente em reprimir esses espiritos orgulhosos e inquietos dos *Innovadores*, assignalando-os muitas vezes, como sendo o gravissimo perigo da sociedade civil. Recordamos a este respeito, os memoriaes avisos do Clemente VII a Fernando, rei da Bohemia e da Hungria: *Estão comprehendidos, n'esta causa de fé, o vosso interesse e a vossa dignidade, porque a fé não pôde ser arrancada, sem arrastar consigo a ruina dos vossos proprios interesses temporaes; e é isto o que precisamente se tem presenciado, com a maxima evidencia, n'esses requizes.*

N'esta ordem de factos tem resplandecido a alta providencia e admiravel coragem dos Nossos Predecessores e especialmente de Clemente XII, Bento XIV e Leão XII que, nos tempos subsequentes, quando grassava a peste das doutrinas perversas e a audacia das seitas tomava novos incrementos, se esforçaram em oppor a sua auctoridade aos progressos d'ellas.

Nós mesmo, por muitas vezes, havemos denunciado estes graves perigos e indica-lo, ao mesmo tempo, o melhor meio de conjural-os. Temos offerecido aos principes e aquelles, a quem estão confialos os negocios politicos, os auxilios da Religião e conjunctamente aconselhalo os povos a recorrerem mais á abunlancia dos gran les bens, que lhes proporeciona a Igreja. Nós assim procedemos agora, para que os principes comprehendam que lhes é sempre offerecido o mesmo soccorro, soccorro superior a tudo; e nós os exhortamos energicamente no Senhor a protegerem a Religião e,—no que vae o proprio interesse dos Estados,—a permittirem que a Igreja goze de liberdade, da qual não pôde ser privada sem injustiça e sem que com isso todos tenham de soffrer.

Seguramento, a Igreja de Jesus Christo não pôde ser suspeita aos principes, nem odiosa aos povos. Ella convila os principes a trilharem o caminho da justiça e a não se desviarem da sentida do dever e, por muitas razões, fortalece e sustenta a sua auctoridade. Ella reconhece e declara que tudo quanto respeita á ordem civil está debaixo do poder da suprema auctori-

dade d'elles; nas cousas, cujo julgamento, por diversas causas, pertence ao poder religioso e ao poder secular, ella quer que exista um accordo, em virtude do qual se evitem muitas questões funestas para os dous poderes. Pelo que respeita aos povos, a Igreja nasceu para a salvacão de todos os homens e a todos ella ama como Mãe. E' ella que, norteadada pela caridade, infunde a doçura nas almas, a humildade nos costumes, a equidade nas leis. Jámais ella foi hostil a uma liberdade honesta, habituada como sempre esteve, por sua natureza, a detestar todas as dominações tyrannicas. Este habito constante de praticar o bem, exprime-o perfeitamente em poucas palavras Santo Agostinho: *A Igreja ensina aos reis a valer pelos povos e a todos os povos a submeterem-se aos reis, mostrando assim que nem tudo é para todos, mas que é para todos a caridade e que a injustiça não é devida a ninguém.* (1)

Por estas causas, Veneraveis Irmãos, a vossa actividade será eminentemente util e salutar, se empregardes comnosco o talento e os demais recursos, que, por mercê de Deus, estão em vosso poder, no intuito de conjurar os perigos e difficuldades da sociedade humana. Velae com o maximo cuidado porque estes ensinamentos da Igreja Catholica sobre a auctoridade e sobre o dever da obediencia estejam constantemente presentes ao espirito dos homens e porque façam d'elles a norma da sua vida. Como auctoridades e mestres, adverti os povos de que fujam das sociedades secretas, se afastem das conspirações e repillam todo e qualquer acto sedicioso. Fazei-lhes comprehender que é, por causa de Deus, que elles obedecem aos que imperam e que a sua *submissão é racional* e nobre a sua obediencia. Porém, como é Deus que dá a salvacão aos reis (2) e concede aos povos que vivem na belleza da paz, sob as tendas da confiança e na tranquillidade opulenta (3), é necessario orar e supplicar-lhe que incline os espiritos de todos para a virtude e para a verdade; que acalme os olhos e restitua á terra a paz e tranquillidade, ha tanto tempo desejada.

Para que seja mais firme a esperanca de sermos attendidos, chamemos em nosso soccorro as orações e protecção da Virgem Maria, Mãe de Deus, auxilio dos christãos e defensora do genero humano; de S. José, seu castissimo Esposo, em cujo patrocinio a Igreja Universal tem a maxima confiança; de S. Pedro e S. Paulo, principes dos Apostolos, guardas e vingadores do nome christão.

(1) De morib. Eccl. lib. 1, cap. 30.

(2) Paulin. cxxlii, 11.

(3) Isai. xxxii, 18.

Entretanto, como penhor dos divinos dons, nós vos concedemos no Senhor, do fundo do coração, a todos vós, Veneraveis Irmãos e ao povo confiado á vossa fé, a Benção Apostolica. Dado em Roma, junto de S. Pedro, no dia XXIX de junho do anno MDCCCLXXXI, quarto anno do Nosso Pontificado.

LEAO XIII, PAPA.

Secção Religiosa

PORQUE CREIO NOS MYSTERIOS CHRISTÃOS?

§ 3.º

Poderão ainda dizer-me:—Que utilidade pôde tirar o homem do conhecimento e crença de verdades, que de modo nenhum comprehende?

Similhante pergunta equivale á seguinte:—De que serve conhecer a Deus?

Ninguem de boa fé dirá que d'este conhecimento não resulta vantagem alguma para o homem, logo tambem não poderá dizer que dos mysterios não resulta, visto que elles são obra de Deus, e embora não possa o homem ter um conhecimento pleno d'elles pôde, contudo, pela analogia da razão e da fé, ter um conhecimento sufficiente, que sirva de norma para a sua vida moral.

Servem os mysterios para caracterisarem a divindade da religião, porque sem elles não se distinguiria das concepções humanas e dos systemas philosophicos mais ou menos perfeitos; e servem tambem para refrear o orgulho do homem.

Foi este quem o fez haquear do pedestal da sua antiga grandeza, e por isso Jesus Christo, vindo apontar-lhe o caminho que havia de seguir para readquiril-a, trouxe-lhe remedio adequado! Para o orgulho o mais adequado era a humildade; trouxe-lhe os mysterios, propoz que os acreditasse, porque só assim poderia humilhar-se e ser exaltado. *Qui se humiliatur exaltabitur.*

Sem os mysterios deixaria a fé de ser meritoria.

E' incontestavel, que o acreditar na existencia ou veracidade d'uma qualquer cousa, attestada por um amigo, tem muito mais merecimento do que acreditar n'uma cousa, que a todos os momentos estou vendo, porque d'esta forma presto homenagem áquelle que se dignou revelal-a; pelo que se não comprehende os mysterios, contudo acreditando-os, presto veneração e respeito ao mais excellente dos amigos, áquelle que os revelou—Deus.

Os mysterios christãos são o fundamento da moral mais santa, mais pura, mais sublime, que até mesmo os seus

maiores inimigos não ousam contestar. De cada um d'elles eu posso tirar uma verdade practica, e todos estão de tal modo ligados por um nexu intimo, que, regeitando um, eu sou forçado a regeitar todos os restantes.

Assim se, por exemplo, negar o mysterio da Santissima Trindade, desaba todo o edificio da religião, porque desaparece a divindade de Jesus Christo e todas as effusões do seu amor se reduzem a nada.

Sem o mysterio da vida futura, que força poderia impellir o homem á practica da virtude e á abstenção do vicio? Quantas vezes não terá o assassino deixado cair o ferro exterminador ao recordar-se d'esse mysterio das penas eternas? Quantas vezes não terá o ladrão suspenso os seus passos, ou abandonado a preza, que, qual aguia esfaimada, havia arrancado das mãos d'algum desgraçado? Quem senão esse mysterio pode formar essa pleiade quasi innumera de varões sanctos e sabios, que são o mais bello ornamento da religião que professo?

Sem o mysterio do peccado original, como se poderia explicar esta mistura que o homem encontra em si de bem e de mal, de grandeza e baixeza, d'onde aprende a desconfiar de si mesmo, e a não contar com as suas proprias forças?

Sem a divindade de Jesus Christo, onde procurar a sancção da lei moral?

O que designa o mysterio da Encarnação senão a bondade infinita d'um Deus, que se dignou restituir á sua primitiva dignidade a natureza humana, que até então jazia entre os ergastulos do peccado?

E não deverá o homem ser reconhecido summamente para com esse Deus, que se dignou encher-o de tantos beneficios, que se humilhou a tomar carne humana, a viver entre os homens só com o fim de lhes servir de modelo, e de lhes legar esse codigo sublime, denominado o Evangelho, que nunca a sabedoria humana poderia confeccionar?

Sem duvida e para reconhecimento basta que o homem creia nos mysterios por Elle revelados, porque só assim alcançara a felicidade eterna, só assim poderá salvar-se — *Qui crediderit... salvus erit.*

Deixar que o racionalismo alcunhe os mysterios d'absurdos e fanaticos, e que diga que a razão é a lei soberana do homem, e que a philosophia é a luz das luzes, que ha de dissipar a obscuridade d'esses mythos ou ficções, que arrogam os foros de verdadeiras; deixar que assim falle, porque a razão ha de sempre ser finita; não foi dada ao homem para ser n'elle a lei soberana, a luz das luzes, a auctoridade das auctoridades, n'uma palavra occupar o lugar de Deus, mas para esclarecer o

seu espirito, do mesmo modo que os olhos esclarecem o corpo, para comprehender e julgar o que não passa alem d'um certo limite, do mesmo modo que os olhos só vêem o que está comprehendido n'um certo circulo.

E, porque os olhos não podem ao mesmo tempo ver todas as cousas, poderá dizer-se que não existem? Não succederá o mesmo á razão em face dos mysterios? E porque não poderá ella acreditar no que não comprehende? Será igual em todos os homens? De forma nenhuma.

O desenvolvimento da razão é variavel d'homem para homem, e ainda no mesmo homem, segundo as varias phases da sua vida intellectual; e por isso dizer que elle só deve acreditar o que comprehende, equivale a dizer que o homem ignorante não deve acreditar no que lhe ensina o sabio.

Todos os homens, considerados em relação a Deus, são ignorantes, logo devem acreditar nos seus ensinamentos, logo devem crer nos mysterios; e não regeitarem, como diz Bossuet, as incomprehensíveis verdades da religião, para se precipitarem nos incomprehensíveis erros dos incredulos.

Analysando uns e outros, eu reconheço; que n'estes se encontram verdadeiras contradicções, e absurdos monstrosos, e n'aquelles encontram-se os mais imperiosos motivos de credibilidade; n'estes não vejo outro guia senão uma razão desvairada, apontando-me como recompensa as cruéis angustias de incredulidade; n'aquelles encontro por guia um Deus, apontando-me como recompensa a felicidade n'esta e na outra vida.

Abrigando em meu peito as crenças christãs-catholicas, esforçar-me-hei por impedir o cruel contagio do racionalismo; e, combatendo-o, radical-as-hei, mais e mais, esperando, mercê de Deus, que me acompanharão até ao tumulo! Coimbra—Junho de 1881.

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

TRATADO DA RELIGIÃO EM GERAL

Noção da religião

(Continuação)

IV

A religião obriga-nos a honrar a Deus por *actos de fé, esperança e amor, de adoração, espirito de sacrificio, gratidão, oração e observancia de suas leis.* Honramos a Deus com *actos de fé*; pois, acreditando na sua palavra, reconhece-

mos que ella é a propria verdade, que não pôde enganar-se nem enganar os homens. Honramol-o com *actos de esperança*; esperamos n'elle, porque elle é omnipotente e infinitamente bom. Honramol-o com *actos de amor*; protestamos-lhe amor, porque elle é a um tempo soberanamente bom e soberanamente perfeito. Honramol-o pela *adoração*; prostrando-nos a seus pés, confessamos que só elle é grande, que só a elle é devida honra e gloria, *soli Deo honor et gloria.* Honramol-o com o *espirito de sacrificio*; offerecendo-lhe o que é de nosso uso, offerecendo-nos a nós mesmos, damos-lhe testemunho do seu alto dominio sobre nós e sobre todas as creaturas. Honramol-o pela *gratidão*; com as nossas acções de graças, reconhecemos-o como auctor de todos os dons, como fonte de todos os bens, assim na ordem temporal, como na ordem espiritual. Honramol-o pela *oração*; invocando-o, testemunhamos que tudo depende d'elle, que até nós mesmos dependemos. Honramol-o, em fim, com a *observancia das suas leis*; obedecendo-lhe, professamos que elle é Senhor nosso, nosso Legislador supremo, arbitro soberano de todas as cousas.

V

Ha na religião duas especies de actos: uns, que ella propria impõe, como a adoração, o espirito de sacrificio, a oração, e, em geral, todos os que prendem directamente com o culto divino; outros, que ella não impõe, mas os quaes dirige para Deus como fim ultimo de nossas acções, ainda mesmo das que não leem por sua natureza relação alguma com a religião (1), como são as acções de que S. Paulo falla, quando diz: «quer vós comais, quer bebais, quer façais qualquer outra cousa, fazei tudo para gloria de Deus, *sive manducatis, sive bibitis, sive aliud quid faciatis, omnia in gloriam Dei* (2).» D'esta sorte, prescreve-nos a religião não só os actos do culto que é devido ao Creador, mas tambem a sanctificação de nossas acções referindo-as a Deus de um modo pelo menos implicito, não exceptuando sequer as que passam em moral como materialmente indifferentes. E' a religião quem alimenta em nós a piedade e, com a piedade, a caridade pela qual amamos a Deus, por amor de Deus, a nós mesmos por causa de Deus, e ao nosso proximo como a nós mesmos, sempre por causa de Deus, por amor para com Deus: *Una est charitas, quæ non alia charitas diligit proximum, quam illa quæ diligit Deum* (3).

A' vista d'esta simples noção, conce-

(1) S. Thomaz, lugar citado.

(2) Epist. I aos Corinthios, c. x, v. 31.

(3) S. Agostinho, *serm.* cclxv.

be-se com facilidade como a religião corresponde plenamente ás necessidades do homem e da sociedade.

(Continúa).

V. de P. P.

Secção Scientifica

A POESIA MYSTICA

Um doutor «in cunctis»

(Conclusão) (1)

... «... Notaréis que estudei este genero (a poesia mystica) face a face e em si mesmo, sem me enlaçar com a historia externa, o que certamente escandelizará aos que em tudo e por tudo querem ver o *espelho* e o *reflexo* da sociedade na arte.

Pois sou de parecer que, contra estes ensinamentos, bons e uteis em si, mas absolvedores da individualidade e valor proprio do artista, por pouco que

(1) O sr. Theophilo Braga, fallando de *indisciplinada mental* e de *anarchia dos espiritos* por falta d'uma solida *educação positiva*, diz o seguinte: «Quando um individuo não teve o inconveniente de receber na familia uma forte educação theologica e por qualquer circunstancia escapou á calamidade da educação metaphisica do ensino superior, esse individuo revela-se com um alto bom senso, com um grande tino pratico, com uma validez de caracter e integridade, etc.»

Ora eu, ao extractar algumas passagens do monumental discurso de D. Marcelino Menéndez Pelayo confrontando-as com outras do sr. Theophilo, tive principalmente em vista provar d'algum modo a arbitrariedade e insensatez d'aquellas gratuitas afirmações.

E na verdade, o sr. Menéndez Pelayo que é um verdadeiro e genuino catholico, e que por isso recebeu *uma forte educação metaphisica e theologica*, revela no mais alto grau: elevação de pensamentos, orientação de ideas, alto criterio philosophico e uma intelligencia esclarecidissima illuminada pelo espirito christão; ao passo que o sr. Theophilo, que sempre mostrou as tendencias revolucionarias, materialistas e positivistas que tanto ama, revela-se por um espirito amesquinhador e invejoso, e por uma grande falta de methodo que todos notam nos seus escriptos, em linguagem abstrusa e apolyptica, nova babel ou *feira da ladra*, onde tudo é confusão e o senso communum raras vezes se eleva acima de zero.

E não se diga que eu deprecio os nossos para exaltar estranhos.

É uma questão de principios, não de pessoas; aquelles não conhecem fronteiras.

O sr. Theophilo, com a sua escola demolidora de tudo e de todos, está inficionando grandemente a nossa atmosphera litteraria e scientifica. Ainda bem que os nomes de Castilho e de Herculano, desapidadamente conspurcados, encontraram nos srs. Camillo Castello Branco e Antonio de Serpa Pimentel formidaveis athletas que dignamente os desafiaram.

Praza aos ecos que a semente lançada á terra por aquelles escriptores de rija tempera seja o principio d'uma escola de opposição aos desvarios da *escola theophila*.

se exagerem, convem reclamar a independencia do genio poetico, principalmente do genero lyrico, e mais ainda d'aquelle que não arenga nas praças á multidão, nem falla em nome de uma idéa politica ou social, mas sim do seu proprio e solitario pensamento, absorto na contemplação das coisas divinas.

Quando se dê um tal estado da alma, o poeta será mais ou menos perfeito servindo-se dos recursos e das formas que a arte do seu tempo lhe proporcionar; porem estai certos, será lyrico de véras.

Eu tenho tão grande confiança na força e poder da poesia lyrica, que por egual me fazem sorrir já os que a creem sujeita á mesma lei de triste decadencia que afflige as outras artes, v. gr., a escultura e o theatro, já os que, applicando desasadamente o que chamam lei do progresso, julgam os cantos do nosso seculo superiores a todos os outros, só porque lhes fallam mais de perto ás suas affeições e sentimentos. *Ne quid nimis*. Deus não esgotou com os gregos e romanos o ideal da arte; e pelo que diz respeito á poesia lyrica podemos esperar confiadamente que viverá, como diz uma canção allemã, emquanto houver ceos e flores, aves e alvoradas, formosura e olhos que a contemplem; e viverá vida louça e robusta enquanto a raiz do sentimento não se definhe e murche.

Nem acreditemos que morrerá a poesia mystica, que sempre ha-de ter por refugio algumas almas escolhidas, ainda mesmo n'este seculo de duvida e descrença, que nasceu entre revoluções apolypticas, e termina a sua triste velhice deixando-nos em philosophia um nominalismo grosseiro, e na arte a descripção miuda e fria dos pormenores, descripção por descrever, sem fim nem proposito, comprazendo-se antes em descrever o hediondo e o feio do que o formoso e bello; arte que até agora ainda não encontrou o seu verdadeiro nome; pois anda profanando os mui nobres de *realismo* e *naturalismo*, só applicaveis aos grandes pintores da vida humana como Cervantes, Shakespeare e Velazquez.

Nossos avós presenciaram tempos mais calamitosos do que nós outros: viram os templos fechados, a cruz por terra, perseguidos os sacerdotes, e triunfante o empirismo sensualista e a litteratura brutal e obscena, e a religião considerada uma trapaçaria e licantina. E não obstante tudo aquillo passou; a cruz ergueu-se de novo e o espirito christão penetrou como aura vivificante na arte de seus adoradores e até de seus inimigos: e tanto é assim que no seculo XIX se escreveram o *Pentecostes* e o *Nome de Maria*; e que mais vos direi? até o proprio Leopardi,

pelo seu insaciavel anhelô da belleza eterna e increada e do bem infinito, por suas vagas aspirações e dores e ainda pelo seu pessimismo, é um poeta mystico a quem só faltou crêr em Deus.

Não desesperemos, pois, e o que tiver fé na alma e valor para dar testemunho da sua fé perante os homens, cante louvores a Deus, ainda no meio do silencio geral, pois não faltarão a principio almas accordes com elle, e logo depois vozes que respondam á sua.

E cante como seus antepassados, claro e em castelhano, *y á lo cristiano viejo*, sem philosophismos nem nebulosidades; porque se ha-de fazer sacrilega mistura de Christo com Belial, ou fingir o que não sente, ou sacrificar um apice da verdade, melhor é que emudeça; ou então seja sincero como Henrique Heine e Alfredo de Musset, e dê voz á ironia demolidora, ou descreva os estremecimentos carnaes e a morte de Rolla sobre o leito comprado para as volupias da sua ultima noite; porque cem vezes mais detestaveis do que todas as figuras de Cains e Manfredos rebeldes contra o ceo, são as devotas imagens em que se sente o riso voltairiano do esculptor.»

P.º F. SANCHES.

Secção Historica

O monumento ao marquez de Pombal

VI

Vimos como a omnipotencia do marquez de Pombal fizera partir sobre o cadafalso infamante as coroas dos primeiros nobres de Portugal, e como quebrara, ás mãos do algoz tantas espadas valentes, que fulgiram ao sol dos combates em pro do estandarte das quininas. Os carcomidos pergaminhos da antiga nobreza da nação fidelissima, assombravam o moderno titular, e não deixavam, a par das pedrarias que seus maiores cravaram em suas coroas, brilhar o despota que só elle se julgava digno das curvas e rapa-pés do plebeismo. E o meio de se fazer brilhar na corte, em meio da luzida corte dos nossos antigos reis, era fazer desaparecer d'ali os que em cem combates ganharam um lugar de honra junto aos degraus do throno. E assim fez. O algoz a um signal da sua mão omnipotente decepou as cabeças que mais altas se erguiam acima da sua, e eil-o só em meio de uma corte de escravos, de mercenários, mandando como senhor.

Havia, porém, ainda uma cousa que lhe fazia sombra, era a roupeta do jesuita. Forçoso se tornava desprestigial-a aos olhos do povo, fazel-a cahir, rasgal-a publicamente. Assim se fez.

Escutemos ainda o snr. Pinheiro Chagas, e sejam as suas palavras a

Sexta pedra para o monumento que o Progresso Catholico ergue ao grande Marquez de Pombal:

«N'esta lucta mortal com os jesuitas, o acto mais criminoso do conde d'Oeiras foi incontestavelmente o supplicio do padre Malagrida; ali sente-se bem que predominava no seu espirito um desejo de fria e cruel vingança. A arma de que se serviu não podia ser mais deploravel; foi uma sentença da Inquisição! Elle, o grande ministro, o reformador do paiz, o homem que mantinha contra a curia as prerogativas da igreja lusitana, o homem que só aspirava a fazer sair Portugal d'esses tremedades de fanatismo, em que se abysmara e se perdéra, o conde de Oeiras emfim, o homem que embotára os dentes e as garras a esse monstro inquisitorial, afilava-lhas de novo por uma vez para lhe dar a devorar mais uma victima humana! E' profundamente triste, mas o odio que contra elles assumia annunciava no espirito do conde d'Oeiras todos os caracteres d'uma paixão cega e irresistivel.

O seu intento era o de aviltar, o de infamar completamente essa roupeta, que elle tanto detestava! Queria aviltar-a diante do paiz, queria emfim actuar sobre o espirito religioso do povo, e logo que a Santa Sé não condemnava os jesuitas, quiz, elle que a Inquisição os condemnasse, que os apresentasse como hereges, para que a plebe, que não comprehendia os verdadeiros crimes dos jesuitas, pudesse ao menos detestá-los por causa de crimes imaginarios.

O padre Malagrida foi o escolhido para victima espiatoria n'este sacrificio. Porque? Era um velho decrepito; fôra confessor no Paço, adquirira quasi um renome de santo; por isso o conde d'Oeiras o elegeu para fazer cair de bem alto a Companhia, tanto mais que o pobre velho, nas fraquezas do seu espirito enfermo, ia-lhe dar armas contra si mesmo.

O padre Gabriel Malagrida era um Italiano que fôra muito considerado em Lisboa no tempo de D. João v; o rei, a rainha, a nobreza consideravam-no santo. O conde de Oeiras jurou a si mesmo que havia de arrancar a este homem a sua reputação de santidade, desacreditando ao mesmo tempo a Companhia de Jesus.

Malagrida estava encerrado no forte da Junqueira, e ali padecia os maus tratos que todos soffriam n'aquelles carceres doentios e sem luz. O jesuita era já homem de annos adiantados, os padecimentos do carcere actuaram no seu espirito debilitado, e produziram-lhe um verdadeiro desarranjo das faculdades mentaes, uma loucura, como a do illu-

minismo. Entrou a pensar que ouvia vozes mysteriosas, que recebia visitas celestiaes, e que Santa Anna entrava com elle em comunicação directa. As suas locubrações mysticas, as suas extravagancias derramou-as todas n'um livro, que hoje bastaria para qualquer medico lhe passar um attestado de loucura, e que bastou ao conde d'Oeiras para levar á fogueira o desgraçado. Esse livro intitula-se *Vida da gloriosa Sant'Anna*, e era um acervo de dislates, a que nunca se poderia dar séria attenção.

O conde d'Oeiras, para ter bem nas suas mãos a administração do Estado, collocára seus irmãos e os seus parentes nos logares onde era necessario que mais se lhezesse sentir a sua acção. Não o movia a isso, como os seus calumniadores lhe assacaram, o desejo de se locupletar a si e aos seus; e basta dizermos, para o demonstrarmos, que, tendo elle accumulado em si a presidencia de todas as juntas, não recebia por esse facto nem um obolo de honorarios. A seu irmão Francisco Xavier de Mendonça Furtado nomeou capitão-general do Grão-Pará e do Maranhão, quando as medidas, que tomava contra os jesuitas do Brazil, necessitavam que tivesse n'aquelle provincia um homem de sua inteira confiança; depois foi nomeado adjunto a seu irmão no ministerio do reino, cargo semelhante ao dos sub-secretarios de estado inglezes, finalmente, quando Thomé da Costa teve o destino do seu antecessor Diogo de Mendonça, foi Francisco Xavier nomeado secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar.

A presidencia do Senado de Lisboa, teve-a tambem sempre o conde d'Oeiras nas mãos dos seus mais proximos parentes. Deu-a primeiro a seu irmão Paulo de Carvalho, depois a seu proprio filho Henrique José Maria de Carvalho Mello e Daun, seguido conde d'Oeiras. Paulo de Carvalho esse passára a ser inquisidor-general.

Convinha ao conde d'Oeiras ter na sua mão esse tribunal, cuja extincção realisaria de certo, se não entendesse que poderia fazer d'elle, como n'este caso do padre Malagrida, uma terrivel arma politica.

Completamente subordinado á sua vontade, o tribunal do Santo-Officio tambem, condemnando um jesuita, seguia as suas velhas tradições porque sabemos que havia entre esses dois corpos predominantemente do estado uma antiga rivalidade. Logo o Santo Officio fulminou uma accusação d'herege contra o padre Malagrida, que foi transferido dos carceres da Junqueira para os carceres da Inquisição, quasi absolutamente sem roupa, exposto a todas as intemperies atmosfericas, vendo os seus cabellos brancos manchados por estes ludibrios, e

servindo de triste espectáculo á população, que o via com o facho da razão vacillante, quasi apagada, costumando até então veneral-o como santo e como oraculo.

Não faltou peripecia alguma a esta sinistra comedia. No dia 28 d'abril de 1761 espalhou-se em Lisboa um poema escripto pelo inquisidor-mór Paulo de Carvalho, em que, increpando-se muito os jesuitas, se agourava que a Companhia viria a acabar sobre barris d'alcatrão. Os vaticinios eram faceis quando os prophetas tinham na sua mão o poderem realisar as prophecias.

Apesar da credulidade do povo lisboense, quasi todos perceberam que esses vaticinios significavam simplesmente a solemne promessa d'um proximo auto de fé. Com effeito o processo correu rapidamente, segundo as formulas atrozes da Inquisição, e o padre Gabriel Malagrida foi condemnado a morrer queimado «por convicto, isto, falso, confitente, revogante, impenitente, pertinaz e proficiente de varios erros, geralmente contidos na sua obra, a *Vida da gloriosa Santa Anna*.» Em consequencia d'isto, no dia 20 de setembro de 1761 foi o desgraçado velho e padre condemnado a morrer queimado n'um *auto de fé*, condemnção que pesa altamente sobre a memoria do conde d'Oeiras, *auto de fé* ordenado pelo proprio ministro, que arrancára Portugal ao jugo aviltante das velhas superstições, e do dominio ecclesiastico.

(M. Pinheiro Chagas—*Historia de Portugal nos seculos XVIII e XIX*, pag. 219 a 221.)

E' grande esta sexta pedra para se erguer de uma vez, e por isso ficará o resto para o n.º seguinte e algumas considerações, que por acaso tenhamos a fazer.

ELIAS DE SAMPAIO.

D. FR. BARTHOLOMEU DOS MARTYRES

ARCEBISPO DE BRAGA

(Continuação)

Foi isto em 1569, e no anno seguinte partiu para o concilio de Trento. Como se tratava do bem de toda a christandade, elle preferiu-o ao bem particular da sua igreja. Na cidade de Trento foi muito venerado pelos cardeaes legados do Papa, e por todos os prelados d'aquella assembleia. O mesmo Papa Pio IV lhe escreveu agradecendo a sua vinda ao concilio.

D. fr. Bartholomeu dos Martyres estava em Trento, mas o seu espirito e os seus cuidados estavam em Braga. Em varias cartas que escreveu ao governador da diocese, fr. João de Leiria, sempre recommendava os pobres e o collegio dos jesuitas aos quaes consagrava grande affeição, e, apesar de ter

fundado e dotado o convento de S. Domingos em Vianna, queria que em primeiro lugar fosse contemplado o collegio da Companhia de Jesus.

Faltava mais *esta* do arcebispo! Mas não ha que ver: era *jesuita* de grande marca.

Ora pois: em uma carta que em 1562 dirigiu ao governador do arcebispado diz o seguinte: «Folgará que tambem vossa reverencia fosse largo para os padres da Companhia... e dando mais a Vianna que ao collegio, declaro ser contra miha vontade.»

Se o arcebispo vivesse hoje sem duvida seria chamado *retrogrado e migue-lista!*

Na magestosa assembleia de Trento votou o nosso santo prelado com toda a liberdade apostolica, e o seu nome eccoo em todo o mundo catholico. Muitas cousas foram determinadas ás suas instancias e por seu conselho, porque era tal a sua auctoridade, que levava após si as opiniões de todos os padres do concilio.

No anno de 1563 foi a Roma, em companhia do cardeal Carlos de Lorena, a fim de beijar o pé ao Santo Padre, e communicar-lhe alguns negocios de sua consciencia e de sua egreja.

Apenas descobriu a cidade, rainha do catholicismo, apcou-se com todos os que o acompanhavam, ajoelhou, e no meio do maior jubilo e devoção saudou a cidade eterna.

Não se pôde levar a mais alto grau o *fanatismo*, o *ultramontanismo* e o *jesuitismo!*

Em Roma foi o arcebispo summamente respeitado de todo o sacro collegio e do proprio Papa que teve com elle grande intimidade. Em uma occasião o Santo Padre louvou o valor dos portuguezes e o zelo da fé dos seus monarchas. Então o arcebispo fez um eloquente panegyrico dos principes que havia no reino: encareceu o zelo do serviço divino e o amor do culto de Deus que resplandecia em el-rei D. Sebastião, de idade de nove annos apenas, o sabio e acertado governo da rainha D. Catharina, a grande religião e heroicas virtudes do cardeal infante D. Henrique, e a particular devoção á Sé Apostolica.

«Basta, respondeu Sua Santidade, que são reis portuguezes, e com isto tudo está dito.»

Note-se o conceito que então tinha na capital do catholicismo o governo portuguez. Porém cessa a admiração, sabendo-se que n'esse tempo dominava o *obscurantismo!*

Era nosso embaixador em Roma D. Alvaro de Castro, o qual em uma carta a el-rei D. Sebastião elogiou muito o arcebispo de Braga como varão santo e apostolico.

D. Alvaro de Castro foi um insigne patriota e um verdadeiro catholico. Era filho do grande D. João de Castro, vice-rei da India, habil politico, bom general, e homem de piedade, que morreu nos braços do jesuita S. Francisco Xavier.

Aquello seculo sempre produziu cada *jesuita e ignorantão!* Se vivessem no *seculo das luzes!*...

De volta a Portugal tratou o arcebispo de visitar novamente a sua diocese, sempre incançavel no pastoreamento das suas ovelhas. Poz logo em execução os decretos do concilio, fundando o seminario ecclesiastico; reuniu um synodo diocesano, e depois um concilio provincial.

Continuou a governar a diocese de Braga com zelo apostolico até o anno de 1582, em que alcançou do Papa Gregorio XIII a demissão do arcebispado. Immediatamente se recolheu ao convento de Vianna de que tinha sido fundador.

Alli passou o resto de seus dias em exercicio de santidade, no meio dos seus religiosos, que foi sempre o seu desejo. Sahiu da cella d'um convento para occupar o lugar de principe da Egreja, obrigado pela obediencia e só pela obediencia. Colocado no cume da hierarchia catholica, foi tocha accesa do mundo, espelho de virtudes, exemplar de prelados, defensor das immundidades da Egreja, zelador da verdadeira reforma, pae dos pobres, amparo de viúvas, orphãos e necessitados. Regentou, emfim, a dignidade ecclesiastica para encerrar-se novamente na solidão do claustro.

D. fr. Bartholomeu dos Martyres falleceu santamente em 16 de julho de 1590.

Oraculo do seu seculo, será sempre o seu nome commemorado em todos os seculos. Foi em extremo respeitado dos pontifices Pio IV, S. Pio V e Gregorio XIII; de todos os cardeaes da Santa Egreja Romana, especialmente de S. Carlos Borromeu; do grande concilio de Trento; dos reis e principes de Portugal D. Catharina, D. Sebastião, cardeal D. Henrique, D. Luiz e D. Philippe II; e de todos os homens notaveis d'aquelle tempo.

Apesar da privança e valimento que teve com tão altas personagens, seguiu sempre os caminhos da rectidão e da justiça, nunca afrouxando no zelo religioso.

Dotado de profunda humildade que guardava em obras e palavras, sustentou com energia as preeminencias da sua egreja de Braga, defendeu os direitos da religião, e fallou com liberdade e independencia aos grandes e poderosos, fossem elles papas ou reis.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

Secção Critica

COISAS! COISAS!

A poesia, essa casta deidade que inspirou Camões, Gil Vicente e Garrett; essa deusa descida dos céos da phantasia e tão adorada, tão querida, tão ternamente osculada pelos poetas; essa divindade que tem por sacerdotes genios como o de João de Lemos, João de Deus, está hoje de rastos nos lupanares, recostada entre o bojudo vasilhame das tabernas. A lyra, esse mavioso instrumento que se pendurava ao collo do deus da harmonia, pende agora, como cabeça de um condemnado, dos ramos infezados de qualquer *ortiga* bravia, ou se esconde entre o lodo imundo de fetido *juncal*.

Sim, leitores, é tudo isto a poesia; é tudo isto o que acontece á pobre lyra!

Ainda não ha muitos dias que um poeta, creado ao bafejo dos prostibulos, sobraçou a lyra, ensebada pelo roçar dos dedos defumados e gordurentos, e procurando para estrado uma cousa *nova* sahida das officinas d'onde sahem as *babuzeiras viajantes*, entoo um canto acanalhado, aprendido nos umbraes dos bordeis, da bocca das Messalinas que meneiam o abanico junto do fogareiro onde estalam as castanhas assadas, e da bocca do cosinheiro porco que dá dobrada com batatas aos pelintras que de dia escouceiam nas columnas dos jornaes de dez réis, e nos pamphletos que se expõem nos kiosques e na taboleta do garoto que vende lumes-promptos.

Já bem conhecido era o poetar do tristemente celebre auctor de varios trabalhos, para vergonha nossa, escriptos na lingua de Bernardes; mas d'esta vez o saltimbanco de feira quiz dar algo de novidade e, á mingua de outra cousa, exhibiu o que aprendera com os machos e cavallariças que encontrára nas cocheiras do sogro, soltando uma rodada de coices á mistura com os rinchos agudos que igualavam o das pobres bestas quando se aproximavam das possilgas estafetaes da Picaria, onde as esperava o feno e o grão, comprado á custa do continuo trotar de boas legoas.

Foi a desgraça do pobre poeta esse encontro fatal com a *nevada* deidade, porque, com os mil cruzados, ganhos á custa de muitos e aturados carregos, lhe proporcionou mestres que a tão maus costumes o afizeram. O *laureado* poeta tinha a escola do garotismo e do mulherio sem vorgonha que dorme nas solleiras das tascas; agora tem tambem a escola das machinas muares de que se serviam os almocreves do alto Minho, com quem se aparentára.

Afastae-vos, pois, ó transcuntes e dei-

xac á vontade pinotear o asno descabrestado.

Vae cabindo feita pedaços a aureola com que a Revolução tentara illuminar a frente do snr. dos NN.

O pobre homem, que não é capaz de fazer nada que se veja, como por vezes o temos dito, vendo que á insignificante comedia, que um dia fez, lhe chamaram drama, e a levaram, como levaram a Carta a toda a parte ao som do hymno da dita, encheu-se de fumos, creou *topete*, empespirrou-se e principiou a crer que era capaz de ter feito um drama!

E cil-o a querer fazer outro. Os recursos da sua intelligencia, eram, bem sabemos, de uma mediocridade sem medida e por isso recorreu ao plagiato, ou á imitação que vem a dar a mesma coisa.

Apanhou uma comedia em 4 actos, representada em Pariz, no theatro francez em 1858, feita por Jules Leconte, intitulada *Le Luxe*, e fazendo-lhe algumas alterações, mas tão pequenas que vem se chegou a conhecer, apresentou-a com o pomposo titulo de drama, não tendo pejo de annunciar nos cartazes:—Original do snr. Antonio Ennes!

Mas o que é mais criminoso n'esta patacuada do snr. NN, n'este pedantismo atroz é, que nas alterações que fez, apresentou-se tal qual é:—um inimigo da sociedade.

Na comedia que lhe serviu de molde salva-se da miseria uma familia pela honra; na imitação do NN salva-se uma familia pela mais infame das maroteiras:—pelo roubo!

O luxo! Que formoso assumpto para um escriptor brilhar! Mas era para um escriptor probo, consciencioso. Para o snr. dos NN, que tenta perverter Portugal, o luxo não lhe deu materia para afastar as familias do seu paiz do medonho abysmo que as ameaça; para fazer desaparecer a miseria causada pelo luxo apresenta um remedio efficaz—o roubo. Vendo-se ou lendo-se o seu drama fica-se com desejo de ser moedeiro falso.

Nos *Lazaristas* aprende-se a ser atheu; no *Luxo* a ser ladrão!

Que gloria a d'este NN!

Os *amigos* da liberdade, esses entes desgraçados que julgam a liberdade licença para praticar todas as tropelias, aproveitam-se sempre das occasiões em que o estourar dos foguetes se casa com o estrondo das philarmonicas tocando o hymno da Carta para fazer as suas truanezas piruetas, com menosprezo das pessoas serias e amigas da liberdade disfructada por todos.

Foi o que aconteceu no Funchal quando no dia 5 de junho se festejava não sei que proeza dos demolidores portuguezes.

Já de manhã, na occasião da missa o liquido que beberam os sacerdotes do deus Baccho havia sido guindado ás cabeças dos ditos, arrastando-os para junto da Egreja do Collegio para insultar as pessoas que estavam ás portas.

Os mesmos *liberaes* procuraram os jardins do Hospicio da princeza D. Maria Amelia para irem ali soltar palavras que a decencia manda calar, insultando as irmãs da caridade, etc., etc.

O venerando Prefeito Apostolico das Missões africanas, sacerdote digno de todo o respeito, e estrangeiro, não foi poupado e soffreu os insultos dos que festejavam as *liberdades* patrias na Ilha da Madeira.

Não devemos admirar-nos, porque todas as festas devem ser dignas do *facto* que se commemora.

Na terra onde ha uma imprensa como a *Voz do Povo*, o mais indecente, o mais nojento, o mais torpemente sabujo de quantos sabujos se espanejam na lama por mandado das chafaricas, não espanta o saber-se que se praticam infamias como as que acabamos de narrar.

Serve de linitivo o sabermos que no Funchal é a maioria dos habitantes catholicos verdadeiros, o que se prova pelo estado prospero da Associação Catholica d'aquella cidade.

No dia 21 de junho, diz o nosso prezado collega da *Verdade*, celebrou-se o setimo anniversario, com a pompa, esplendor e alegria que sempre se nota em taes festas:

«Pelas 8 horas da tarde (diz o collega) entrou na sala do edificio S. Ex.^a Rev.^{ma} o Snr. Bispo Diocesano, acompanhado dos clerigos da sua comitiva. Pouco tempo depois tomou assento á direita do illustre Prelado, S. Ex.^a o snr. Visconde de Villa Mendo, Governador Civil do Districto, acompanhado do Snr. Francisco Antonio d'Abreu e do Snr. Commissario de Policia. A esquerda de S. Ex.^a Rev.^{ma} estava Mr. Duparquet, Prefeito Apostolico das Missões da Africa e o Rev.^{mo} Snr. Conego Brito, decano do corpo capitular. Esteve tambem presente o Ex.^{mo} Visconde de Monte Bello, os Surs. Commendadores Filipe José Nunes, Bettencourt Esmeraldo e Alfredo Leal e outros cavalheiros ecclesiasticos e seculares e muitas senhoras da primeira sociedade do Funchal.»

Estas senhoras não eram de certo das que vão assistir aos *casamentos* civis.

Fallou sobre o assumpto S. Ex.^a Rev.^{ma} o Snr. D. Manuel Agostinho Barreto e varios cavalheiros presentes.

E enquanto a alegria reinava n'aquella casa, onde estariam os inimigos de S. Ex.^a Rev.^{ma}?

Nos logares reservados aos reprobos, aos que não podem vér a luz.

Ainda que nos custe, não vemos motivo que nos leve a não tornar conhecido do *Conimbricense* e de outros periodicos *livres* cá da nossa bella terra portugueza, uma noticia que nos dá *La Ilustracion Popular Economica*, de Valencia. Eil-a:

«Os alumnos da Universidade de Coimbra, que, em nome da bizarra e estudiosa juventude d'aquelle estabelecimento litterario lusitano, vieram tomar parte nos festejos do centenario de Calderon, apressaram-se a visitar o snr. Menendez Pelayo em sua propria casa, para o felicitar com entusiasmo pelo seu digno e patriotico discurso, pronunciado no Retiro, dando mil parabens ao joven cathedratico e academico, a mais alta gloria da nossa Hespanha moderna.»

Que dirá o snr. Martins de Carvalho? Será isto verdade? Quererão os estudantes de Coimbra, com o snr. Menendez Pelayo a Inquisição e a União Iberica?

UM LEITOR DE GAZETAS.

Secção Litteraria

Damos n'este logar cabida a um magnifico artigo que o Rev.^{mo} Sebastião Leite publicára na *Religião e Patria* acerca do ultimo livro do Rev.^{mo} Senna Freitas.

Tanto se tem occupado a imprensa d'este livro, que não podemos deixar de publicar algum artigo n'esta secção, na impossibilidade de os publicar todos na *Gazeta do Bibliophilo* onde deveram ser transcriptos:

Dia a dia de um espirito christão

Aphorismos e reflexões philosophicas sobre a religião, a moral, a sciencia, a litteratura, a politica, etc., pelo padre Senna Freitas.

Livro, que surgiste para o bem e para a verdade, tão esforçado e gentil, no meio da ostentação philosophica e litteraria que por toda a parte e tão ruidosamente se afôsa e espanejá para tornar mais seductor e attrahente o espectáculo de suas pomposas humilhações diante da mentira! Livro, que tiveste a força e o segredo de fazer amar a meditação e que podeste levar até ao interior de si mesmo o ser humano alheado pelo tumultuar do mundo das sensações e dos negocios tão avaros de espaço para um maduro reflectir! tu és o livro de hoje e sel-o-has do futuro, emquanto houver um homem que de-seje elevar-se pelo pensamento e descobrir-se a si mesmo nas ineffaveis relações de sua natureza com o seu destino, á luz de uma palavra reveladora.

Quando acabei de lêr-te, senti assim como um impulso intimo, uns alvoroços do coração que quer abrir-se a corações amigos para lhes dar alegrias e boas novas; mas veio-me com a reflexão o desengano de que era cargo impossivel para mim fallar devidamente de um livro que falla por si tão alto e que diz tudo.

Que havia de eu fazer? Calar-me? Não era justo.

Uma palavra que não pretende ser nem apreciação, nem juizo, nem critica de qualquer especie, mas simplesmente a voz do que annuncia e chama para que apreciem e julguem, nunca será de todo inopportuna em semelhantes casos. Assim explicado o seu verdadeiro intuito, é essa palavra que eu vou mui succintamente acrescentar ao que já venho dizendo mais acima.

Ha livros feitos para circumstancias que não podem permanecer; para determinadas situações do espirito e da sociedade humana que variam, para sciencias que progridem, para artes que se aperfeçoam, para questões e controversias que se dirimem: são livros submettidos à acção do tempo; tem o seu amanhecer e anoitecer; são livros de hontem na estante do estudioso; outros ha que são feitos para todas as circumstancias, situações e progressos da humanidade; são livros superiores à acção do tempo porque são feitos para o homem por mais variaveis que sejam os accidentes da sua vida individual ou collectiva; são livros de hoje e de amanhã, livros da hora presente e do futuro, sempre vivos e vicejantes, na perpetua florescencia e fructificação de sua juventude. Aquelles são uma recordação, a gloria de um nome reconhecido pela historia; estes, são a ideia do que foi, do que é e do que ha-de ser, o passado e o futuro, deixem-me assim dizer, fundido e consubstanciado na actualidade viva do pensamento.

Tal me parece ser o *Dia a dia de um espirito christão*, este precioso conjunto de pensamentos, de maximas e de conceitos, que fazem do livro do snr. Senna Freitas a obra mais individual e mais característica de quantas tem sabido até hoje da brilhante fecundidade de sua penna.

Alli a verdade que não tem hoje nem hontem refulge em clarões triumphantes diante do leitor contemporaneo, como ha-de refulgir diante d'aquelles que lhe succederem no decorrer do tempo; porque todos virão alli meditar, estudar-se, regenerar-se e illuminar-se d'esta luz que scintilla do profundo e apaixonado labor do pensamento no vasto campo da fé e da sciencia.

Conjunto de pensamentos e maximas disse eu que era o livro; mas esquecia-me de acrescentar que cada uma fórma-

substancialmente um tratado distincto e subordinado, à unidade de uma ideia.— São pedras preciosas de diverso feitio e cor formando uma corôa, em cuja resplandecencia se manifesta como que retratado o auctor christão com as bellas e vigorosas feições do seu talento, proclamando a realza de Deus e o soberano destino da alma humana.

O livro é isto, com o relevo mais de um estylo puro, portuguez e senhor das galas e opulencias da lingua patria; é um livro feito para os amigos das boas lettras; para os que ainda não foram asphyxiados pela sciencia do nada nem submettidos à acção dissolvente do atheismo litterario vendido em retalho; é um livro para portuguezes que ainda tem enthusiasmos diante das legitimas glorias do seu paiz, para christãos que ainda se presam do seu baptismo, para homens que ainda não perderam o sentimento da vida nem o respeito de si mesmos, para todos os que crêm, esperam e amam a realidade objectiva e imutavel do Bem, da Verdade e do Bello.

Em summa é um livro feito para viver, porque a sua duração e influencia não está sujeita ao incidente transitorio que demarca a vida de tantos outros.

Que a amavel modestia e benevolencia de seu illustre auctor me permita escrever aqui, como remate, a primeira reflexão que me inspirou a leitura do *Dia a dia*, reflexão que se me affigurou um acerto e que ficou sendo, por isso mesmo, a ideia inicial e dominante d'estas pobres linhas que lhe offereço.

As *Provinciaes*, dizia eu commigo, envelheceram e até deixaram de ter razão, quando mais conscienciosos livros a vieram dar aos jesuitas; mas o genio de Pascal vive ainda na actualidade de seus immortaes pensamentos.

Padre Sebastião da Costa Vieira Leite.

**Felicitamos o nosso collega da «Cruz do Operario» por encetar o 2.º anno da sua publicação, durante o qual lhe desejamos tudo de quanto nós carecemos tambem para continuar a repellir os embates dos amigos da... LI-
BERDADE.**

Retrospecto da quinzena

A cumiada da serra de Santa Catharina coroou-se de gente no dia 17 d'este mez, por occasião da festa que se fazia na gruta-ermida à Virgem do Carmello. Vae dia a dia ganhando terreno a devo-

entre as asperezas de rochedos gigantes, ali amontoados pela mão de Deus para servirem de alguma cousa mais que para habitação das aves agouzeiras.

Este anno foi imponente a concorrência deromeiros; e foi-o porque além da devoção à Santissima Virgem, annunciara-se a benção da capella que os generosos padres fizeram construir sobre as rochas que servem de alojada ao humilde templosinho da Virgem; espalhára-se que o Ex.^{mo} Dr. Santos Monteiro, conego da Sé de Lamego, viria de ali com o lin expresso de prégar o sermão; e corria de bocca em bocca que ali, no alto d'aquella formosa montanha se ia erguer uma estatua ao grande Pio ix.

Tudo isto concorreu para que a crista da serra se povoasse deromeiros e a imagem da Virgem tivesse a seus pés centenares de fleis, que lhe patenteavam por meio da oração o seu amor filial.

O Rev.^{mo} Dr. Santos Monteiro prégará. Fizera um discurso que nós quizeramos fosse escutado pelos povos todos que vivem nas terras que de Penha se avistam. Fallou S. Ex.^a das glorias de Maria, do seu amor para com os filhos que a amam e depois, quando o auditorio estava enternecido ante o quadro tão florido por S. Ex.^a distendido, fallou-lhe de Pio ix. Trouxera à memoria de todos nós o quanto elle fôra devoto da Virgem Santissima, o quanto lhe devia a humanidade. Exaltou o povo de Braga que erguera no Sameiro um monumento à Virgem padroeira de Portugal; do Sameiro lançou a vista por Guimarães, viu ali o berço da Monarchia Portugueza e n'elle um punhado de catholicos promptos a tornar em realidade o que não era mais que uma aspiração de generosos corações. Fallou do monumento a Pio ix! Exalçou suas virtudes e afervorou a fé d'aquelles que tentaram tal empreza. Pulsaram então de santo enthusiasmo os corações de todos os presentes e a ideia espalhára-se pela romaria.

Estava ali o digno Arcipreste do julgado e varios ecclesiasticos e pessoas respeitaveis de Guimarães. Urgia não deixar afrouxar o enthusiasmo levado a todos os corações com as palavras do Rev.^{mo} Conego Lamecense. Foi formada a comissão central, ficando presidente o Rev.^{mo} Arcipreste do julgado, ladeado por todas as pessoas presentes á meza.

Abrira-se a subscripção entre a comissão dando esta perto de 300\$000 rs., sendo seguida pelas pessoas que quizeram logo ali subscrever.

Está, pois, lançada a primeira pedra para esse grandioso monumento que Portugal vac erguer a Pio ix!

O grito de—Viva o Pontifice da Immaculada, soltado de sobre as rochas escalvadas da Penha ha-de ser, cremol-o, escutado por todos os filhos d'esta nação fidelissima, que não deixarão do concor-

rer com o seu obolo para tão extraordinaria obra.

A comissão vai dirigir-se a varios cavalheiros das diversas terras do paiz para nomearem comissões nas respectivas localidades, e nós desde já agradeceremos áquelles dos nossos leitores que quizerem dar o seu nome para o mesmo fim.

No proximo numero daremos conta do resultado da subscrição, a qual fica desde já aberta na redacção do «Progresso Catholico», esperando que todos os nossos collegas na imprensa nos sigam o exemplo, abrindo-a tambem.

Fizeram-se pomposas festas em algumas terras do paiz, para commemorar o desembarque, nas praias do Mindello, do exercito *libertador*. Braga, talvez por pirraça aos religiosos promotores das peregrinações que teem coroado a cuspide do Sameiro, foi, segundo contam as gazetas, a que mais foguetes fez estourar, a que mais balões venezianos illuminára com grizetas.

Agora, que as paixões politicas estão acalmadas, que os bravos soldados portuguezes que depozeram com honra as armas em Evora-Monte estão quasi todos mortos, e que os membros do exercito invasor o estão tambem, parece que o mais util, o mais houroso, o mais digno de povos civilisados seria rezar pelos que causaram as desgraças da patria e chorar sobre as ruínas que, em nome da liberdade, elles fizeram.

E demais, quem eram esses homens que aportaram ás praias de Portugal em 8 de julho? Eram tudo portuguezes em cujos peitos ardesse o fogo sagrado do amor da patria e da liberdade?

Não. E para prova escutemos o que escreveu o snr. Oliveira Martins, denodado revolucionario e atheu, no seu livro recentemente publicado — *Portugal Contemporaneo*, quando se refere ao recrutamento feito em Londres pelos *libertadores*: (o gripho é do author do livro).

«A vadiagem corria a inscrever-se; e como o arrolador dava seis pence de signal, para no dia seguinte os inscriptos voltarem com attestados, Shaw (escocez) tambem contratado para ser *libertador* reconheceu ter *libertadores* em demazia, que iam beber á taberna o cobre. Havia em Londres mais tres estações de arrolamentos como a de *George Yard*, e os vadios, descoberta a mina, faziam dois shillings por dia, indo dar o nome ás quatro casas.»

Já vêem os festeiros que era gente de merecer as festas.

Continua o snr. Oliveira Martins, falando da recepção dos *libertadores* em *Belle-Isle*, e depois de descrever a visita de D. Pedro aos varios navios, diz:

«Depois, foi ver o batalhão inglez que ainda estava conforme chegara, roto, descalço e bebido.»

Narra depois o snr. Oliveira Martins a chegada á Terceira e diz:

«A Terceira já era um acampamento; já lá houvera desordens e sangue: faltava a babel das linguas e das bebedeiras, vicio triste do selta. Além da primeira leva, chegaram novos recrutas inglezes; e as tabernas não podiam dar vinho a tantas boccas, e as ruas não tinham espaço para tantos fardos de gente ressonando pelo chão, ou correndo em grupos, cantando, abraçando as mulheres, invadindo as casas, boxando-se, e pondo a cara no estado esfrangalhado dos seus trajos. A installação do *systema* na Terceira prenunciava ali o que viria a ser em todo o reino: depois de um longo acampamento esterilizador, uma anarchia desenfreada, uma ruína total das instituições e dos costumes.»

Gostamos do snr. Oliveira Martins, por que S. Ex.ª, que não é *miguelista* nem *liberal* dá pancadaria para a direita e para a esquerda, e mostra, á luz clara da critica e do bom senso o que fora a *libertação* de Portugal.

Nós não seriamos capaz de dizer o que diz S. Ex.ª, e por isso lhe pedimos venia para fazer algumas transcrições, poucas, porque não temos tempo nem espaço.

O critico historiador conclue o periodo em que falla da viagem para a Praia nos seguintes termos:

«Assim se transformaram em soldados os vadios de Londres,— a ponto de D. Pedro os não conhecer quando os foi vêr á Praia.»

Estavam já uniformisados.

Em vista do que deixamos transcripto, quer-nos parecer que as festas em Braga, no dia 8, ou 9 não tem outro fim que uma desforra da impiedade sobre os crentes, os portuguezes da velha raça, que, entre canticos festivaes, vão depôr suas offeras aos pés da Virgem do Sameiro.

Mas que ridicula desforra!

Os bracarenses, com as suas peregrinações, com o seu acrizolado amor para com a Mãe de Deus, lembram a antiga creença dos filhos d'esta terra, aplanam o caminho para uma transformação da nossa sociedade; os *liberaes*, com o estourar dos seus foguetes, com a luz broxuleante das suas grizetas, lembram o estrondo dos monumentos da patria ao cair, rendendo aos seus golpes, e á luz sinistra do incendio que os lambia, e aplanam o caminho por onde estes restos do Portugal, que ainda existem, se vão lançar em medonho abysmo.

Que triste contraste!

Já não é de hoje a *ignorancia* cleri-

cal. De tempos remotos vem ella, e d'esses mesmos remotos tempos vem, por isso, os seus inimigos.

Vá mais esta para o catalogo já longo assis das ignorancias e ociosidades electricaes:

«Um erudito conseguiu descobrir que a primeira obra dramatica-musical foi representada em Roma, no carnaval de 1634, por occasião da chegada de um principe polaco áquella capital. O compositor chamava-se Stefano Landi e o autor do libreto foi monsenhor Rospigliosi, que depois foi Papa, com o nome de Clemente ix.»

E foi Papa! Podéra! D'onde teem saído os papas a não ser do meio dos ignorantões de todos os seculos!

Um assignante da *Ordem*, nosso illustrado collega de Coimbra, escreveu-lhe o seguinte:

«Uma lembrança. Não seria conveniente pedir na *Ordem* que todos os catholicos que tivessem documentos, ou quaesquer notas historicas, que provassem os *justos titulos* que o Marquez de Pombal tem ao reconhecimento de Portugal catholico para se lhe celebrar o *centenario*, como querem fazer, coisas taes como, por exemplo as *Prizões da Junqueira*, que vi na *Ordem* annunciadas, e todos os que tivessem alguma coisa d'esse genero, inedita ou publicada e a quizessem fornecer, ou indicar d'onde se podia extrair, para se reunirem em um livro, que se publicasse e distribuisse no dia do tal centenario para mostrar ao povo a *boa razão* com que se faziam taes honrarias, ao 1.º *mação*, e implantador da maçonaria em Portugal, não seria conveniente, digo, pedir aos catholicos que fornecessem á *Ordem* esses elementos para um livro que fosse contramina ao antidoto do centenario?»

E' mais que conveniente, e justo, é justissimo que todos o façam, e por nós aqui juntamos a nossa voz á do nosso collega de Coimbra, pedindo a todos os nossos leitores, a todos os catholicos, a todos os portuguezes que forneçam armas com que se batam os amigos do despota. Que o brilho das luminarias se offusque com a lembrança das lagrimas e do sangue que fizera brotar o Marquez de Pombal.

J. DE FREITAS.

IMPRESSA COMMERCIAL

DE

SANTOS CORREA & MATHIAS